Evento foi organizado pela Casa de Saúde S. João de Deus Funchal:

III Convenção de Comportamentos Aditivos e Dependências da Madeira

A Casa de Saúde S. João de Deus Funchal - Funchal organizou a III Convenção de Comportamentos Aditivos e Dependências da Madeira, evento científico e formativo que teve lugar nos dias 19 e 20 de outubro, no auditório Bento Meni, nesta instituição de saúde, situada em Santo António - Funchal.

Dando continuidade a um trabalho de formação, reflexão e partilha de experiências há muito trilhado pela instituição na contínua intervenção, pesquisa, investigação e procura de respostas de excelência técnica e científica, conducentes às melhores práticas, o evento teve uma participação alargada dos profissionais de saúde, da área social, educativa e da família, refletindo-se sobre as problemáticas próprias da saúde mental, nomeadamente as dependências e dos contextos sociais de hoje. Destaque para a presença de cerca de 400 profissionais, de várias áreas de atividade, o que dotou este evento de um cariz multidisciplinar e holístico.

Dependências marcou presença no evento e entrevistou Luís Filipe Fernandes, Diretor Clínico da Casa de Saúde S. João de Deus Funchal, registando ainda a intervenção de Rita Andrade, Secretária Regional da Inclusão e Assuntos Sociais do Governo Regional da Madeira.

Luís Filipe Fernandes, Diretor Clínico da Casa de Saúde S. João de Deus Funchal

Que avaliação faz desta terceira convenção de Comportamentos Aditivos e Dependências da Madeira, que reuniu vários técnicos e um conjunto de saberes multidisciplinares? Podemos falar num evento holístico?

Luís Filipe (LF) – Creio que sim… Procurámos criar um programa abrangente às várias áreas de intervenção no álcool e, como tal, com vários intervenientes, de vários domínios. No fundo, cada um com o seu saber, acaba por focar as diversas etapas, quer do percurso da dependência, quer do tratamento e, eventualmente, da reabilitação.

Em que medida continua o mito do álcool a constituir hoje um dos grandes problemas que, vocês, profissionais, têm que ultrapassar?

LF – Fruto de trabalhos que têm sido feitos ao nível da prevenção, muitos dos falsos conceitos que havia – podemos talvez dizer – antigamente, estão a ser bem combatidos. Não se trata de uma guerra ganha mas creio que estão a ser bem combatidos. Penso que as pessoas já têm hoje uma visão diferente relativamente a esses mitos, agora, pela nossa experiência no Centro, constatamos que nas populações mais novas não estão a haver tantos abusos em relação ao álcool como sucedia em gerações mais antigas. No entanto, em relação a estas gerações mais antigas, os que são consumidores, estarão provavelmente a beber mais. Em suma, parece-nos que os números estabilizaram no que respeita a novos consumidores mas aqueles que bebem estarão a beber mais.

Existe redução de riscos para enfrentar esta problemática?

LF – Para o álcool não existe grande redução de riscos… Na Casa de Saúde, temos um programa desenvolvido em parceria com uma associação local, no âmbito do qual, através de um trabalho de rua, estamos a tentar motivar alguns sem-abrigo, mutos dos quais com patologia psiquiátrica e dependência e, apesar de serem pessoas que, provavelmente, recairão mais do que os outros, até porque não têm um suporte familiar e social que favoreça a reabilitação… E tem sido uma curiosidade e satisfação para nós constatar que os períodos de abstinência têm sido maiores ao longo dos últimos tempos. Provavelmente,

não estaremos a conseguir reabilitá-los totalmente mas estamos a conseguir que passem mais tempo capazes de fazer uma vida supostamente mais normal…

Devemos falar no doente alcoólico ou na família doente?

LF – Nas duas… Existem famílias que induzem, de alguma forma, comportamentos entre os quais, eventualmente, os das dependências e muitos outros que, fruto da sua dependência, acabam por sofrer e fazer sofrer todas as pessoas que giram no seu ciclo familiar. Daí a importância que que sempre se deu e se dá cada vez mais ao papel às famílias nestes processos de tratamento e reabilitação.

Antigamente, proliferava a perspetiva do alcoólico como alguém bem disposto, animado e extrovertido… Hoje, fala-se em alguém com uma patologia grave…

LF – Quando se fala em antigamente nestas coisas da psiquiatria e da saúde mental, estaremos a referir-nos, ao contrário de muitas outras áreas, há meia dúzia de anos… Muita dessa atitude "cultural" só se baseava no desconhecimento científico que tínhamos relativamente aos problemas ligados ao álcool. Como sempre, à medida que vamos evoluindo no conhecimento e saber, estaremos mais despertos e conhecedores dos riscos, aos quais, noutras alturas, por desconhecimento, não dávamos o devido valor.

Falamos numa doença sem cura?

LF – Tenho vários doentes dependentes desta substância e de outras que estão hoje a fazer uma vida perfeitamente normal. Agora, se falarmos em cura, estou a igualá-los às outras pessoas que nunca tiveram este problema. Aquela pessoa que teve este problema está curada se não voltar a experimentar. Mas não está tão curada como a outra que nunca experimentou. Por isto mesmo, acaba por ser uma doença crónica.

E existem hoje fármacos que permitem uma melhor intervenção nessa doença crónica?

LF – Temos hoje fármacos mais eficientes do que tínhamos há meia dúzia de anos atrás. O grande problema estará atualmente associado ao preço. A grande maioria dos nossos doentes não pode ter acesso a esse tipo de fármacos, até porque são normalmente pessoas que, fruto das suas dificuldades, resta-lhes muito pouco dinheiro.

Temos aqui um auditório completamente cheio, onde se nota particularmente a presença de jovens… Foi estratégica a promoção da sua presença?

LF – Sim, foi porque acreditamos que um dos grandes pilares desta área é a educação, através da transmissão de novas formas de entender as dependências. E ninguém melhor do que os nossos adolescentes para começarem a ouvir coisas a que não terão provavelmente acesso no seu grupo de pares, resultando um olhar diferente sobre o que lhes é oferecido no dia-a-dia. E também nesse contexto realizámos um concurso com adolescentes do 12º ano que, recorrendo a meios artísticos e tecnológicos, falaram sobre estas questões das dependências. E são tão importantes que, nas nossas reuniões semanais do centro de recuperação de alcoólicos, começaremos a convidar semanalmente um jovem, que ouviremos. Sabemos que são acutilantes na forma de pensar e, por vezes, chamam-nos a atenção para determinados aspectos para os quais, por termos uma visão mais científica e camuflada dada a idade, não estaremos tão despertos. Portanto, continuaremos a investir no olhar, no ouvir e no partilhar com eles esta forma de intervenção.

Rita Andrade, Secretária Regional da Inclusão e Assuntos Sociais do Governo Regional da Madeira

"Para continuarmos a lutar contra os CAD, temos que o fazer em articulação com todos os intervenientes nesta problemática, como tem vindo a ser feito e continua a ser feito. Neste âmbito, a aposta na realização desta convenção dedicada a esta temática na Madeira constitui um bom exemplo de como necessitamos de ser observadores e persistentes nas ações que realizamos.

Em nome do Governo Regional da Madeira, não posso deixar de começar por agradecer à Casa de Saúde São João de Deus por mais esta organização, que reúne um conjunto alargado e diferenciado de profissionais e de saberes, reafirmando ou dando a conhecer

projetos e intervenções, acalentando-os e retemperando a força, o empenho e a motivação de todos quantos neles trabalham, dedicando grande parte da sua vida e do seu tempo a populações e indivíduos em situação vulnerável e tantas vezes de difícil resolução, como são os CAD.

Os CAD têm problemas associados com riscos e custos contra os quais não se podem baixar os braços, devido às implicações que têm na vida de cada pessoa afetada, nas famílias e sociedade em que está inserida. Por isso, é importante que cada um faça o seu papel de forma articulada, com o propósito comum de debelar uma preocupação que deve ser de todos. Pela parte do Governo Regional, entre as ações que empreendemos, destaco o papel do Instituto da Administração da Saúde e os Assuntos Sociais, através da Unidade Operacional de Intervenção em CAD (UCAD), que dinamiza as atividades de prevenção e de redução do consumo de drogas ilícitas e lícitas na Região Autónoma da Madeira. Tem realizado um trabalho eficaz na prevenção dos CAD no arquipélago, ao atuar nas diversas áreas de intervenção com projetos e programas para reduzir os fatores de risco e aumentar os fatores de proteção na população. Entre outras competências, a UCAD pretende assegurar a implementação da Política Regional de Luta Contra a Droga, o Álcool e as Toxicodependências e promover a articulação entre as instituições, incentivando a participação das instituições da comunidade, públicas ou privadas, no desenvolvimento de ações de prevenção, de RRMD e de reinserção social. Tem igualmente a missão de apoiar a CDT, procedendo à recolha de informação em saúde junto dos serviços públicos e das entidades privadas, com intervenção nas áreas de consumo de substâncias psicoativas, de condutas aditivas e de dependências, de acordo com metodologias desenvolvidas, apoiando também a dissuasão do consumo de substâncias psicoativas. Já no domínio da prevenção, tem o foco no fornecimento de toda a informação e competências, no sentido de os destinatários poderem lidar com o risco do consumo de substâncias psicoativas, assim como de outros comportamentos de risco.

Na Europa, estima-se que mais de 85 milhões de adultos consumam substâncias psicoativas ao longo da vida, o que significa que um quarto da população adulta do Velho Continente consome ou já consumiu drogas… Se juntarmos às drogas tradicionais o aparecimento de novas substâncias psicoativas com uma tendência crescente na Europa, não podemos desviar o foco nem facilitar, por um momento que seja, no que toca a esta matéria.

A condução sob o efeito de álcool continua a ser uma preocupação, onde sobressaem os acidentes de viação. A OMS considera-os uma das principais causas de morte. Era a 9ª em 2004 e a OMS antevê que seja a 5ª em 2030… Mas o consumo exagerado de álcool também está associado a outro grande flagelo que bem conhecemos, a violência doméstica. Em 2017, o número de vítimas de violência doméstica totalizou, na Região Autónoma da Madeira, 162 novos casos. Só no primeiro semestre de 2018, foram já atendidas pela equipa de apoio à vítima de violência doméstica do ISS da Madeira 67 pessoas, sendo que mais de 50 por cento destes casos estão ligados à dependência de álcool e de estupefacientes. São números que merecem a nossa reflexão. Também de acordo com a OMS, o consumo de tabaco, álcool e drogas ilegais está entre os 20 maiores fatores de risco para a saúde. A juntar à problemática das mortes, o consumo excessivo destas substâncias constitui também um fator de risco importantíssimo para uma grande variedade de problemas socioeconómicos.

Neste panorama e face aos números atuais, temos que continuar unidos neste grande trabalho, que não é apenas de uns mas de todos nós".